

# A FRANQUEIRA

C. M. B.  
BIBLIOTECA

ÓRGÃO DA CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA  
APROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.ª REV.ª O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ

Redacção :

Rua da Madalena, 6 — BARCELOS

Composição e Impressão :

Tip. da Oficina de S. José — BRAGA

Director e Editor :

PADRE BONIFÁCIO LAMELA

Propriedade da Confraria de Nossa  
Senhora da Franqueira

Administração :

R. Infante D. Henrique, 2 a 8  
Tel. 8220 - BARCELOS

ASSINATURAS :

Annual . . . . . 6600  
De benefactores . . . 10400

**23 de Fevereiro de 1373**

Glorioso feito dos Alcaides de Faria, nosso orgulho e honra imorredoura de Portugal eterno.

Em sua comemoração "A FRANQUEIRA", dedica o seu presente número.

## O feito do Alcaide

por Domingos Evangelista

**A**VENTURAS de Parsifal em busca do vaso sagrado que guardava o sangue de Cristo, aquele Santo Gral cuja virtude uma pomba branca, descida dos céus, renovava todos os anos; aventuras contemplativas de monges guerreiros esquecidos dos anos quando um rouxinol enamorado poetava sonhos na espessura dos sinclairais; aventuras de navegador saudoso dos vagalhões do Cabo, do sibilar das tormentas, do lucilar feérico do Sant'Elmo; aventuras de menestreis tangendo alaúdes em honra da dona cujos olhos o perderam ao fitá-lo por entre as ameias polidas do alto da albarrã — aventuras de amor e sangue, de heroísmo e lealdade, de ascetismo e batalhas, ensopam, de lés-a-lés, a terra de Portugal.

Dêsse rumor de lenda heróica, dessa auréola de gloriosa epopeia, está imbuído o morro da Franqueira — pedestal duma grande façanha onde palpitou, vivo, violento, abnegado, o amor dum guerreiro pela pátria invadida. Foi aí que Nuno Gonçalves, em 1373, dá a sua vida só para poder aconselhar o filho a resistir ao ataque castelhano.

Fernão Lopes, no seu estilo original e colorido dá a entender a grandeza do feito e adivinha-se mesmo através da sua narrativa a emoção de que estava possuído o nosso primeiro cronista. «E som ora preso em poder de seus inimigos os quaes me trazem aqui pera te mandar que lho entregues; porem te mando so pena de miha bençom que o non faças; . . . e por tormentos nem morte que me vejas dar,

(Continua na 7.ª página)



## CHAMA PERENE

Há no admirável gesto de heroísmo e de lealdade que imortalizou na história nacional os Alcaides de Faria, mais do que a simples beleza diamantina de firmes vontades individuais ao serviço duma inquebrantável e abnegada devoção patriótica. O castelo medieval que resiste galhardamente ao invasor está na continuidade das velhas ruínas castrejas, exploradas nos últimos anos, ruínas que lhe serviram de pedestal e das quais nem Fernão Lopes nem Alexandre Herculano adivinharam a verdadeira natureza.

Esta continuidade topográfica simbolisa, a meus olhos, a continuidade germinal e psicológica entre o valor dos Alcaides e o heroico sentimento de independência dos remotos incolos dos castros. Uma epopeia mergulha as suas raízes na outra. São a mesma epopeia, a bem dizer.

Passam os séculos e os milénios, mas a alma, o sangue, permanecem idênticos. A chama do amor pátrio continua acesa, inalterável e brilhante, nos espiritos e nas gerações.

A. A. Mendes Correia.

## GRUPO Alcaides de Faria

por Major Manuel Sampaio

O penhorante convite, pessoal, directo, para participar no número especial de A Franqueira, comemorativo da data mais providel do eêro ao Castelo de Faria na invasão de Portugal pelos Castelhanos no ano de 1373, encontrou-me adoentado com obrigações em atraso. Só poderei escrever pouco e mau, mas não sem muita e boa vontade.

É interessante ter o convite coincido com a aquisição que fiz do trabalho do Sr. Tenente Coronel Faria de Moraes Portuguezes de Ouro, colecção de conferências na Semana das Colónias impressa em 1944, onde na apresentação pelo Sr. Nery Xavier vi uma citação do Soldado Prático do cronista Diogo do Couto (1542 1616) que me impressionou, dispondo-me para este artiquelho. Escreveu Couto que as heroicidades da raça se deviam à verdade, espadas largas e «Portuguezes de Ouro». Os Portuguezes eram de ouro porque seus guerreiros eram ouro na verdade, ouro na liberalidade, ouro na fidelidade, ouro no valor, ouro no primor, ouro no esforço.

Absolutamente acho aplicável a definição aos Alcaides do Castelo de Faria Nuno Gonçalves e Gonçalo Nunes, cujos feitos na defesa do Castelo eu foquei na Barcelos — Resenha (1927), terminando o capítulo que os referenciara com estas palavras: — «Nas páginas de arcaico colorido da crónica de Fernão Lopes é este um dos episódios mais comoventes nas tradições de Barcelos um dos seus principais titulos de orgulho regional, na História de Portugal um dos mais retumbantes feitos de heroicidade e de leal firmeza patriótica à palavra dada».

(Continua na oitava página)

Aveiro, 9-2-946

Meu caro J. L.

Em 1935 publicou a extinta Comissão de Iniciativa e Turismo de Barcelos — sua e minha terra — entre outras “uma nótula ao visitante prolegómano de futura catalogação.. como no texto diz o autor, referente ao Museu do Grupo Alcaldes de Faria.

Posteriormente a essa data nada mais se publicou que possa fazer voltar os olhos para o referido Museu, dando-lhe a projecção que o seu espólio merece, e levantando bem alto o nome dos obreiros que, como o meu Amigo, desde a primeira hora estão ligados aos alicerces do Grupo, tão simpático e tão benemérito para a sua e minha terra.

\* \* \*

Quando da minha penúltima ida aí — e para mim cada uma corresponde a várias visitas ao vosso Museu — notei como espólio novo os quatro fragmentos, que muito bem patentearam ao público, e por amabilidade especial permitiram que fossem fotografadas.

Esses pequenos fragmentos, aparecidos numa das últimas excavações, pela sua raridade nessa estação, assim como pela sua tipologia e cronologia, merecem um pouco de conversa; devidamente expostas e classificadas em cartão junto pelo punho do Prof. Mendes Correia — um grande Amigo do Grupo e consequentemente de Barcelos.

Veja como foi curioso o achado, e não esqueça a grande área por explorar:

Em 1928 o Prof. de Barcelona A. del Castillo Yurrita dizia na sua magnífica “La cultura de vaso campaniforme”, a pg. 60 ao referir-se ao Grupo de Portugal: “Geograficamente parece estar limitado, com alguma excepção, à costa Centro Occidental, à Extremadura portuguesa..”

Na pré-história nada é definitivo como verá.

O Doutor Santos Jr. — outro grande Amigo do Grupo com sangue barcelense — em trabalho posterior mostrou que em Trás-os-Montes (Mairos junto a Chaves) havia campaniforme.

Mais tarde, em 1940, o distinto arqueólogo Maxime Vaultier encontra a mesma cultura mais perto de Chaves (S. Lourenço).

A permanencia nessa região permitiu-me ampliar a nota de Vaultier, e nela faço referência ocasional aos fragmentos de Faria.

Guimarães com a estação da Penha estudada pelo Prof. Luiz de Pina, assim como Outeiro Sêco em Chaves, Cachão da Rapa e Gandra (Esposende) — ainda inédita — são novos núcleos dessa cultura — a cultura do vaso campaniforme.

Ainda há bem pouco, meu Amigo, uma nova estação deste tipo ou mais perfeitamente desta cultura surgiu no sul junto “à costa Centro Occidental”, de Castillo Yurrita em Montes Claros.

Ao ver por exemplo um mapa com a indicação das linhas de expansão desta cultura — roteiros — num trabalho de 1930 do eminente arqueólogo espanhol Prof. J. M. Santa — Olalla — separata do Anuario de Pré-história Madrileña — logo nos salta à vista a lacuna que no Minho, Douro, Trás-os-Montes e Beira se vê.

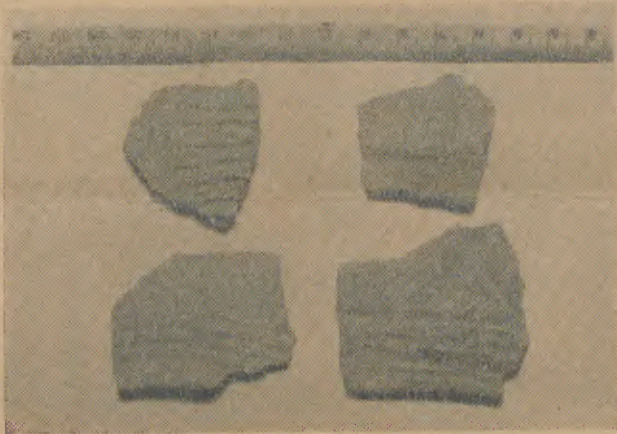
No estado actual dos descobrimentos, observamos em paralelo com novos achados no centro, no Minho e Trás-os-Montes vão surgindo indícios seguros desta cultura.

Em definitivo não nos é possível marcar geograficamente as suas linhas certas de infiltração e expansão.

Em Faria o achado foi ocasional, e é muito natural que a continuação das excavações — a maior parte está por explorar — nos traga novos elementos dessa cultura.

E' que os quatro fragmentos encontrados pertencem a outros tantos vasos.

Sem nos ser permitido admitir — pelo menos no estado actual das descobertas —



que na nossa terra há representação material de toda a pré-história, mas tendo que aceitar como nula a atenção dada a estas coisas no nosso concelho, muitos achados se devem ter dado, muito fragmento, muito material deve ter surgido sob a enxada do nosso lavrador sem deles se ter o mínimo conhecimento.

Outro tanto não se dá nos arredores de Lisboa, região profundamente estudada.

Parte do material encontrado em Faria é neolítico, e neolíticos são os fragmentos.

Com certa cautela deve fazer-se o estudo tipológico do material fruto das vossas excavações, e seguidamente as correcções cronológicas em face dos modernos estudos paleontológicos, que — diga-se de passagem — sofreram ultimamente profunda alteração.

Em todos os trabalhos de campo, devem-se seguir regras perfeitamente rigorosas na colheita, (juntando num cartucho de papel os fragmentos encontrados juntos etc.), sendo absolutamente indispensável existir aquilo que se chama um “Diário de excavações..”

Veja o meu Amigo como estas coisas são: uma peça estava classificada de paleolítica, e mais tarde à luz da ciência

Atenção

Barcelenses

No domingo 10 de Março próximo, a Franqueira espera-vos lá em cima.

O dia é dedicado à vossa cidade, para inaugurardes a Via-Sacra, meditação pública e solene dos suplicios, paixão e morte do Senhor, que ao mundo veio trazer a paz, mas a paz que o mundo ainda não compreendeu!

Sobre vós impende a obrigação de dardes exemplo aos que vos seguem, vós aqueles que sois verdadeiramente sinceros, e porque o sois, outra preocupação não tendes senão o cumprimento do dever.

Ide e associai-vos a tão piedoso acto, e pedi ao Senhor — que por amor sofreu e morreu para que o amor entre nós reinasse — que faça estabelecer-se na terra a concórdia e paz entre os homens, insatisfeitos e desavindos.

moderna verificou-se que era nitidamente indústria neolítica.

Este simples facto aproximou-a de nós 5000 anos, a diferença de 8000 para 3000 anos A. C. datas das referidas culturas.

Esta carta está a tornar-se demasiadamente extensa e temos que por-lhe termo, visto as maçadas estarem proibidas.

Tipologicamente os vossos fragmentos, de quatro vasos diferentes, estão perfeitamente dentro desta cultura.

Dois dos fragmentos mostram-se com sulcos profundos ao bordo do vaso, e o seu corpo decorado num por sulcos paralelos em fiadas discordantes, no outro alternadamente triângulos e faxas de pequenas incisões — decoração que se repete no terceiro fragmento — formando zigzagues.

Ainda que a decoração se encontre repetida, não se nota no bordo qualquer ornato, e por este facto afirmo pertencer a outro vaso.

O último fragmento muito pequeno, não me dá uma ideia perfeita da forma de decoração.

Cronologicamente, guiando-me pelos mais modernos trabalhos — “Esquema paleontológico de la Peninsula Hispanica”, do Prof. Santa-Olalla, — estão dentro do neolítico recente, (por haver um neolítico antigo ou mesolítico), que vai compreendido entre 3500 a 2000 anos A. C.

Por agora, longe de Barcelos e sem mais elementos característicos desta cultura, não nos é possível afirmar se dentro deste neolítico estão incluídos na cultura espanomauritana ou iberosahariana (Santa-Olalla).

E por agora basta.

Receba um forte abraço e desculpe o sermão do

J. S. Paes de Villas-Bôas.



Ruínas da Torre de Menagem do Castelo de Faria, postas a descoberto pelo Grupo Alcaides de Faria

causto à edificação do mesmo, motivo por que as Ruínas do Castelo de Faria e da Citânia devem ser o mais vasto campo para estudo, neste distrito ou até no norte do País.

Intensificadas as escavações ao sul, poente e norte, estas tornaram-se muito ricas em achados valiosos e curiosíssimos, desde a longínqua era da pedra lascada, até para cá do século XV.

Picos, percutores, machados pétreos (dois deles votivos, em fibrolite), polidores, mós manuais, pesos de rede, cereais proto-históricos (a fava celtica equina), etc., evocam o alvorecer da história da humanidade. É valiosa, variada e rica a colecção de cerâmica, abrangendo a evolução de milénios:

Cerâmica manual de tipo eneolítico (do vaso campaniforme, anterior a 2500 anos antes de Cristo), cerâmica da idade do ferro, produtos micáceos, *cerâmicas escuras* preliminares, depois os tons róseos *arretinos*, o alvorecer da *ornamentação castreja*, exemplares *perfurados*, toda a ingénua indústria louceira, enfim, dos povos primitivos se encontra fartamente representada!

Telhas de rebordo (*tegula*), a hemi-cilíndrica (*imbrex*), uma rica colecção de *cossoiros* (pesos de fuso), outra variada de pesos de tear (*pondera*), outra ainda de *tesserae* (marcas de jogo), *téstos*, *fundas* e *bordos* de grandes vasos, produtos com *gráfílos*, diversíssimos tipo de *ansas* (em especial um exemplar de *asa interior*), em agrupamentos de apreciação fácil manifestam a importância da *estação castreja* explorada.

Da época vincadamente romana há uma *lucerna* bastante perfeita, restos de outra de fina pasta ornamentada e fragmentos grandes de muitas *ânforas*, merecendo destaque as partes duma fundição de metais.

Num conjunto privativo há importante recolha de objectos em ferro: pontas de *dardos*, ferros de *setas*, *acicates* de cavaleiro, pedaços de malha de *cervilheira*, fragmentos do panho duma *espada medieval*, táminas de *arnazes* (braçais, coxote, etc.), fivelões, chaves interessantes, etc..

Objectos de bronze, cobre e moedas; um *acus comatoriae* perfeito, *fibulas* de

charneira, *anéis*, *pingentes*, *adornos* diversos, uma *matriz sigilar* de suspensão muito valiosa (século XV) e várias *moedas* entre elas algumas *romanas*, *dinheiros* medievais, *pilartes* de bilhão, uma *hurbuda* fernandina perfeitíssima, reais brancos e pretos do século XVI, um tornez raro de D. Pedro I.

Devidamente classificado pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs.: Dr. Mendes Correia, Dr. Damião Peres, Dr. Santos Júnior e Engenheiro Rui de Serpa Pinto, é este o espólio que constitui todo o recheio do Museu Alcaides de Faria, para cuja exposição muito contribuiu a dedicação e comprovada competência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Major Manceiros Sampaio, ilustrado sócio correspondente da Associação dos Arqueólogos Portugueses e Sócio de Mérito do Grupo Alcaides de Faria, quem sua Ex.<sup>a</sup> vem prestando os mais relevantes serviços, desde a sua fundação.

Como se torna evidente, uma obra e trabalhos desta natureza, sempre rodeados com todas as precauções e cautelas para que a mínima coisa se não perca ou estregue, e para mais realizada e administrada a 6 kilómetros de distância, necessariamente havia de custar muito esforço, dedicação, carinho, e dinheiro; da



Outro aspecto das ruínas do Castelo de Faria, também descobertas pelo Grupo Alcaides de Faria

forma como se fez uso deste último elemento, vão desmonstrá-la as contas seguintes:

#### Mapa demonstrativo da Receita

Subsídios concedidos pela Ex. <sup>ma</sup> Câmara Municipal de Barcelos . . . . .	16.500\$00
Subsídios concedidos pela Ex. <sup>ma</sup> Junta G. do Distrito . . . . .	12.000\$00
Mensalidades dos Sócios . . . . .	11.364\$57
Donativos de diversos . . . . .	7.943\$69
Donativo do Ex. <sup>mo</sup> Sr. João Gomes Pena, para melhoramentos a executar na Franqueira . . . . .	3.000\$00
Juros Capitalizados . . . . .	2.362\$00
Produto de venda de materiais (chapa e madeira) . . . . .	279\$30
Produto de venda de Cartões de identidade . . . . .	345\$00
Produto de venda de Bandeirinhas . . . . .	33\$00
Esc. . . . .	58.827\$56

#### Mapa demonstrativo da Despesa

Escavações, limpeza e conservação das Ruínas do Castelo e Citânia . . . . .	25.431\$04
Museu, instalação e conservação . . . . .	4.752\$10
Expediente . . . . .	3.723\$04
Homenagens, recepções e conferências . . . . .	3.322\$85
Entrega à Comissão Administrativa da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira . . . . .	3.000\$00
Automóveis e transportes . . . . .	2.293\$30
Despesa para o conserto da estrada . . . . .	596\$50
Conta, Depósito na Caixa G. D. C. e Previdência . . . . .	10.708\$73
Esc. . . . .	53.827\$56

Já na presidência do prestigioso e saudosíssimo Barcelense Sr. Dr. Miguel Fonseca, em 1939, pediu este Grupo ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro das Obras Públicas a concessão dum subsídio para a construção da estrada para a Franqueira a fim de que, por ocasião das Comemorações Centenárias de 1940 a romagem que ali se projectava fazer pudesse ser feita em regulares condições de trânsito e comodidade.

Este pedido foi tomado em consideração e a este Grupo foi pedido um projecto e orçamento da obra a realizar. O Grupo, por seu turno, sabendo que na repartição técnica da Câmara Municipal existiam estudos preliminares do traçado, dirigiu-se à Ex.<sup>ma</sup> Câmara Municipal a

pedir a assistência técnica, que, na reunião da Câmara de 7 de Outubro de 1940, foi resolvido prestar, mandando elaborar e fornecer a referida documentação.

Porém decorridos foram cinco longos anos, sem que tal promessa fosse cumprida, apesar de constantes e insistentes pedidos verbais e por escrito.

Mas, apresentado o pedido novamente ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Mário Norton, actual e mui ilustre presidente do Município, sua Ex.<sup>a</sup> logo providenciou para que a documentação fosse entregue e o pedido novamente posto, o que este Grupo fez alvoroçadamente em Junho do passado ano, e tudo leva a supor que, dentro em breve, a estrada para o Castelo de Faria e para a Franqueira, deixe de ser uma "via dolorosa", por onde já nem os automóveis de aluguer querem passar.

Também em 1939, quando as escavações se iam realizar fora da zona mais rochosa e portanto onde a vegetação mais se desenvolvia, viu-se este Grupo a braços com a resistência dos proprietários que não permitiram se fizessem mais escavações.

Abertas negociações para a aquisição dos terrenos, do lado do proprietário Ex.<sup>mo</sup> Sr. Manuel Luiz Carvalho e Sousa, não foi possível chegar-se a acordo pelo elevado preço exigido.

Do lado dos herdeiros do falecido consócio Ex.<sup>mo</sup> Sr. Domingos José de Figueiredo, eram rasoáveis as condições em que se podia transacionar, mas o facto de estarem dois herdeiros ausentes, impediu que se pudesse realizar a escritura da transacção.

Em tais circunstâncias, resolveu esta direcção suspender todos os trabalhos de investigação e simultaneamente, pediu ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Engenheiro Alvaro Lima, para fazer o levantamento topográfico do local das Ruínas já postas a descoberto, a fim de oportunamente documentar o pedido de classificação do existente, como Monumento Nacional.

Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Engenheiro Alvaro Lima, Barcelense ilustre, da melhor vontade acedeu a fazer aquele trabalho, sacrificando até as suas férias que estava a gosar na sua casa de Barcelinhos, e com a aparelhagem da Câmara e a coadjuvação do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Arquitecto Madureira e de um cantoneiro, fez o levantamento topográfico, dentro de poucos dias, o que representou um altíssimo serviço prestado a esta colectividade o que mais uma vez lhe cumpre agradecer.

Obtida a planta topográfica, não se demorou esta Direcção, pelo seu officio número 119, a dirigir-se à 2.<sup>a</sup> Sub-Secção, da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional de Educação, do Ministério da Educação Nacional, a pedir a classificação de todo o existente como Monumento Nacional, para assim o Estado fazer todas as expropriações necessárias à conservação do monumento e para que seja estabelecida a indispensável zona de protecção, afim de se evitar que as Ruínas do Castelo de Faria voltem a sumir-se no pó dos tempos.

Está, presentemente, o processo affecto à Repartição do Património Nacional, da Direcção Geral da Fazenda Pública; está a correr seus trâmites e tudo leva a crer que dentro de pouco tempo os proprietá-



Ruínas da Citânia, junto do Castelo de Faria, postas a descoberto pelo Grupo Alcaides de Faria

rios sejam indemnizados. O Estado toma posse e as investigações voltam a prosseguir orientadas e feitas a expensas do Estado? Feitas a expensas do estado e com a colaboração do Grupo Alcaides de Faria? Não importa. O que se torna necessário e imprescindível, é que as investigações prossigam para maior enriquecimento do património histórico e arqueológico deste concelho e da Nação, que para ser bem preservado, nunca será demais construir lá uma habitação e colocar no local um guarda, a totais expensas do Estado.

Tem a Direcção deste Grupo reconhecido a insuficiência do mobiliário e da instalação do Museu.

Já os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Dr. Santos Júnior há anos, e mais recentemente o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Tenente J. S. Pais de Vilas Boas, apresentaram cada qual a sua sugestão para o mobiliário.

Esta Direcção deligenciou oportunamente junto do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Constantino de Almeida, muito digno vereador cessante e presidente da Comissão Municipal de Turismo, para obter verba indispensável para a aquisição de novas e mais apropriadas vitrines. Porém, nada foi conseguido.

Mas, como é natural, porque lhe cumpre e é seu dever, oportunamente voltará esta Direcção a pôr o pedido, não só de mobiliário para o Museu, mas também da construção dum edificio próprio para a instalação do mesmo, que ficaria a propósito no espaço entre a Igreja Matriz e o Largo do Apoio, zona onde se encontram todas as velharias do vulgo barcelense e onde as remeniscências do Castelo de Faria e da Citânia encontrariam o lugar a que tem jus.

E, se se atender a que o remanescente do Grupo Alcaides de Faria, pela letra expressa dos seus estatutos, é pertença do Município de Barcelos, com certeza a Ex.<sup>ma</sup> Câmara Municipal deferirá estas justíssimas e modestas pretensões.

Há já muitos anos que as Assembleias Gerais para a eleição da Direcção ficam quase desertas, e assim se tem visto os componentes da actual Direcção, presos a este cargo, que nas circunstâncias actuais da vida portuguesa é pesadíssimo, porque todos tem grandes afazeres particulares.

Pelos motivos expostos, esta Direcção desde já aqui faz um comovente apelo a todos os consócios para acorrerem à próxima Assembleia Geral a fim de elegerem uma nova Direcção que maior brilho e rendimento de trabalho venha dar à vida do "Grupo".

A BEM DO CASTELO DE FARIA

A BEM DE BARCELOS

E

A BEM DA NAÇÃO.

Barcelos, Fevereiro de 1946.

A Direcção,

*Cónego Joaquim Alexandre Gaiolas  
Miguel Pereira Pais de Matos Graça  
Avelino Gomes de Sousa  
João Luis Ferreira  
Abílio Rodrigues de Sousa  
Francisco de Sá  
José António Rodrigues*

## Fernando de Sá

Depois de residir 26 anos nesta cidade de Barcelos, retirou há dias para Braga, este nosso prezado amigo, com sua esposa e filhas.

Francisco de Sá, durante a sua permanência em Barcelos, colaborou em diversas colectividades, tendo-lhe merecido especial dedicação a Franqueira e as Ruínas do Castelo de Faria, em cuja exploração tomou parte activa. Faz parte há largos anos da direcção do "Grupo Alcaides de Faria", de que foi sócio fundador.

É por isso que com mágua o vemos retirar do nosso meio, onde disfrutava a consideração e simpatia de todos.

Ao ausentar-se e deixar saudosos o nosso convívio, levantamos preces à Virgem Santíssima da Franqueira, veneranda protectora a que nos dedicamos há já perto dum milésimo, para que dispense os seus melhores favores a este seu devoto e o faça feliz, como é merecedor. São estes os votos dos que labutam nesta lida, em prol da causa comum, a Franqueira.

... mas a febre lenta que costums devorar os gigantes de mármore e de granito, o tempo, coou-lhe pelos membros, e o antigo alcacer das eras dos Reis de Leão desmoronou-se e caiu; no século dezassete parte da sua ossada estava dispersa por aquelas encostas: no século seguinte já nenhuns vestígios d'ele restavam...

De Lendas e Narrativas de Alexandre Herculano — 1851.

1373

—  
1946

Celebrar as grandes figuras nacionais é acto duplamente meritório. É o reconhecimento, em gratidão colectiva, dos actos valorosos dos nossos antepassados e é a projecção no futuro das qualidades e virtudes dsqueles que veneramos no altar da Pátria.

Nuno Gonçalves, heroico e estorçado alcaide do Castelo de Faria, refulge nêsse altar e em nossos corações como figura nobilíssima de sereno destemor e nobre lealdade, como símbolo do integral cumprimento do dever.

Bem hajam aquêles que promovem e exaltação patriótica de tão nobre figura. — Santos J.ºr — 22-Fev.-1946.

## GRUPO ALCAIDES DE FARIA

### RELATÓRIO

Resolveu o muito digno corpo redactorial do Jornal "A Franqueira", — Órgão da Confraria —, dedicar o seu número de Fevereiro do corrente ano, à celebração da passagem do 573 aniversário do cerco ao Castelo de Faria e consequentemente, ao heroico sacrificio do seu Alcaide, acto tão sublime que enobrece esta Pátria e enche de orgulho todos os habitantes do nosso concelho, constituído pelas antigas Terras de Faria.

É o jornal "A Franqueira", defensor inequívoco dos interesses espirituais, morais e materiais, daquela inconfundível altitude que, além de fonte inexaurível para investigações históricas, arqueológicas e científicas duma civilização milenária, é santuário de Honra e Lealdade Portuguesas, e ainda onde se erguem altares para se venerar e prestar culto à Mãe de Deus, desde o alvorecer da Nacionalidade, fundada e consolidada sempre pela acção conjunta da espada e da cruz.

Como não podia deixar de ser, a Direcção desta colectividade, ao mesmo tempo que agradece muito penhorada tão captivante e oportuna manifestação de gratidão prestada à memória dos bons e generosos Alcaides do Castelo de Faria, também entendeu pedir o consentimento da sua colaboração que, uma vez tão amavelmente autorizada, vai consistir em deixar arquivado nas colunas deste Jornal um relato sucinto da modesta actividade deste Grupo, que se fundou para glorificar e sublimar a memória dos grandes e imorredoiros Alcaides do Castelo de Faria.

#### Homenagem Póstuma

Desde 1929 a 1946, o Presidente Honorário Ex.<sup>mo</sup> Snr. Marquês de Faria, alguns dos Sócios Fundadores, Sócios de Mérito e Sócios Contribuintes, desapareceram do convívio dos vivos e portanto esta Direcção a todos quer aqui patentear a sua mais internecida e comovida saudade e o mais íntimo desejo de que Deus a todos tenha em eterno descanso. A mesma comovida saudade deseja aqui expressar a memória dos saudosos Snrs.: Engenheiro Rui de Serpa Pinto, distinto arqueólogo e Dr. Manuel Barbosa, dedicado médico e vogal da Junta G. do D., dos quais este Grupo recebeu revelantes serviços.

#### Saudação e Agradecimento

Também desde 1929 a 1946, recebeu este Grupo, das Ex.<sup>mas</sup> entidades, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Câmara Municipal de Barcelos, Associação Comercial de Barcelos, Junta Geral do Distrito, Secção de Antropologia da

Universidade do Porto, e dos Ex.<sup>mos</sup> Senhores Profs., Drs. Mendes Correia, Damião Peres, Santos Junior, e dos Ex.<sup>mos</sup> Senhores, Major Mancelos Sampaio, Afonso d'Ornelas, Conde de Vilas Boas, António de Machado Faria, Tenente Joaquim S. Pais de Vilas Boas, Engenheiro Alvaro de Lima, Elentério Cardeira, Miguel Gomes de Miranda, Dr. Adélio Marinho e Rogério Calás de Carvalho, valiosíssimos auxiliares que, em muito suavizaram a missão deste Grupo na espinhosa e árdua tarefa de arrancar das entranhas da terra as mais transcendentales verdades históricas, a Bem da Nação e da Grei, pelo que se tornaram credores do muito reconhecimento deste Grupo e da perdurável gratidão das suas Direcções.

Como de muitos é sabido, em várias épocas, diferentes pessoas ou entidades realizaram escavações no local onde a lenda dizia ter estado erecto o Castelo de Faria. Todavia nunca as referidas pesquisas se concretizaram na descoberta de qualquer parcela de obra de arte existente, de fraguemento cerâmico, objecto utilitário ou de moedas coevas, o que, agora, se tem verificado lá existir e em apreciável quantidade.

Como diz a sabedoria popular, *os mortos mandam*, e como ainda há Portugueses que sabem cumprir, no dia 3 de Novembro de 1929, um punhado de homens de todas as categorias sociais, de Barcelos ou aqui acidentalmente residentes, resolveram fazer uma excursão à Franqueira, com prévia escalada pelo local onde a lenda ou creença popular dizia ter existido o Castelo de Faria.

Já no local e depois de curiosa obser-

vação ao terreno quase só constituído por pedra solta e vegetação selvática, misteriosamente impelidos, os presentes conjuraram-se na mesma vontade para que ali se realizassem novas e amplas escavações, a expensas dos presentes e de quem quisesse concorrer para aquelas investigações.

De regresso, e já na cidade, cada um foi pensando em corporisar e ampliar a ideia de, ao mesmo tempo que se iam fazer as investigações no local do Castelo, também se fizesse alguma coisa pelo Santuário da Franqueira, pois todos eram unânimes em reconhecer que o progresso daquela altitude não podia estar confinado unicamente às gentes da freguesia de Pereira, que por si só nada podia fazer nem fazia.

Desta ordem de ideias e para livre e legal direito de reunião, foram os conjurados elaborando uns estatutos, com programa de trabalho anexo, os quais denominaram: Estatutos do Grupo Alcaides de Faria Pro-Franqueira, que foram aprovados pela autoridade superior do Distrito, em 10 de Maio de 1930.

Iniciadas as investigações sob a fiscalização diária dum dos conjurados, logo começaram a aparecer os restos das velhas e vestutas muralhas: Moedas medievais, ferraduras, freios, ferros de limpeza de cavalos, acicates de cavaleiros, cotas de malha, pontas de dardos, lanças e muitos outros objectos de uso pessoal, doméstico e de combate, merecendo especial destaque o aparecimento, junto da Torre de Menagem, de vinte e seis pelouros de catapultas e alguns milhares de seixos, que para ali foram levados com objecti-



Sócios fundadores do Grupo Alcaides de Faria, fotografia tirada em 3-11-1929



Estado da plataforma superior do local do Castelo de Faria, antes de iniciadas as escavações.

A seta localiza o sitio onde se encontraram os alicerces da Torre de Menagem

vos ofensivos e defensivos, pois, no local e cercanias, não existem no sub-solo.

Estes achados valiosíssimos vieram enfim atestar a existência ali dos restos do importante baluarte medieval, que a valentia e heroicidade de Nuno Gonçalves e de seu filho Gonçalo Nunes, para todo o sempre — haviam de immortalisar.

Ainda mais, o aparecimento de substanciais munições, apreciável quantidade de cereais carbonizados (trigo, centeio, fava céltica, milho miúdo) em dois locais, confirmam, que de facto aquela fortificação foi incendiada em pleno assédio, como referem os cronistas da época.

O benemérito barcelense, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Miguel Gomes de Miranda, ofereceu o primeiro subsídio de Escudos 500\$00, para a continuação das escavações e a Comissão de Melhoramentos da Franqueira entregou todo o saldo que possuía no total de Escudos 578\$50.

A Ex.<sup>ma</sup> Câmara Municipal de Barcelos também subsidiou com Escudos 3.000\$00, e o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Marquez de Faria, de saudosa memória e Ex.<sup>ma</sup> Duquesa de Amstrong ofereceram ao Grupo o importante donativo de Esc. 6.000\$00.

Entretanto, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Manuel Barbosa, já saudosamente desaparecido, também conseguiu que a Junta Geral do Distrito subsidiasse o Grupo com Esc. 3.000\$00 e, assim, foi possível ir ampliando as escavações e enriquecendo o já valioso espólio encontrado.

Vinha este Grupo prestando já um serviço a Barcelos e à História Pátria, mas entendeu que devia fazer mais e melhor e, assim, em 1929 e em 1930, pediu à Ex.<sup>ma</sup> Autoridade Administrativa a nomeação de uma Comissão Administrativa para a Confraria de Nossa Senhora da Franqueira, a qual veio a ser nomeada, sob a presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Graça Faria.

Pelo officio número 7, solicitou este Grupo ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Câmara o levantamento topográfico do Monte da Franqueira, o qual, mais tarde veio servir de base para o plano geral de aformoseamento, que os distintos architectos portuenses, Ex.<sup>mos</sup> Srs. Manuel Marques e Amoroso Lopes, elaboraram, e que está em desenvolvimento.

Simultaneamente pelo officio número 22, de Julho de 1930, este Grupo pediu

também à Repartição dos Bens Culturais do Ministério da Justiça, para ser inventariada a Igreja do Convento, até ali indevidamente na posse de particulares, encontrando-se hoje na posse da Comissão Fabriqueira, da Freguesia de Pereira.

Como era natural e legítimo, todos os Barcelenses se encontravam poseuidos do mais são e salutar entusiasmo que atingia o máximo quando, dia após dia, eram expostos em diferentes montras de estabelecimentos comerciais desta cidade, novos achados, que vinham aumentar o já valioso espólio encontrado nas escavações em desenvolvimento.

Coincidiu este entusiasmo, aquecido ao rubro, com a estada na presidência da Câmara do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de

## Impressões de visitantes

O Nacionalismo fez-se com a História. Honra pois aos Barcelenses que a fizeram reviver.

Humberto Delgado.

Tinha uma leve ideia do Grupo Alcaides de Faria. Ignorava o seu Museu. A surpresa foi agradabilíssima. Bela, patriótica, louvável iniciativa, admirável culto! Aqui deixo os meus louvores de português agradecido.

Alberto Couto, Director do Museu de Aveiro.

“Recordar é viver. E ao recordar o comovente episódio histórico, que constitue o melhor pergaminho da nobreza histórica desta cidade condal de Barcelos, eu sinto-me mais que nunca orgulhoso do meu nome de português, filho duma Pátria gloriosa e imortal, que na frase expressiva de Junqueiro

“...é a Pátria mais formosa e linda que ondas do mar e luz do luar viram ainda...”

10-IX-939.

A. Vieira Novo.

Vilas Boas, que, por intuição e temperamento próprios, ninguém excedia no desejo da Franqueira ocupar o lugar a que tem jus na escala da vida concelhia e nacional.

E assim ordenou e levantamento topográfico do Monte, concluiu a abertura da estrada e obteve a comparticipação do Estado para a pavimentação da mesma, desde o lugar de Merecesses, até ao cemitério de Carvalhal, melhoramentos que, por ocasião do Congresso Missionário Nacional e da grande Peregrinação que então se realizou à Franqueira, já todos puderam observar e usufruir.

Quando tudo decorria num ambiente do mais são prestígio para o Grupo Alcaides de Faria e quando se encontrava nimbado daquela simpatia oficial, pública e particular, que tanto lhe suavizavam a sua grande missão, surgiu um conflito no seio da Direcção, então presidida pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Francisco Cardoso e Silva, incompatibilizado com a maioria dos membros da direcção que, em defesa dos interesses do “Grupo”, discordaram de alguns actos praticados.

A agravar tão triste como infeliz situação, permitiram o mau gosto duma cavada política, que motivou a intervenção de facções nos destinos do Grupo, com todas as nefastas consequências que depois vieram a provocar a entrega de todo o espólio e haveres do Grupo à Ex.<sup>ma</sup> Autoridade Administrativa, que, a seu turno, houve por bem nomear depois uma Comissão Administrativa, composta pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Henrique dos Santos Terroso, Flávio de Sousa Neiva e o falecido Sr. António de Sousa e Silva.

Sentindo a perda de uma obra tão auspiciosamente iniciada, os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Conde de Vilas Boas e Major Mancelos Sampaio deligenciaram obter e conseguiram a aquiescência do prestigioso e saudosíssimo Barcelense Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Teotónio José da Fonseca, para, depois de prévia eleição, presidir a uma nova Direcção do Grupo, o que sem dúvida havia de integrar novamente a colectividade na plenitude do seu prestígio e do seu destino, tão prematura e indignamente comprometidos por quem devia mais alto defender e zelar os superiores interesses dum Grupo que, como este, tem por patrono os gloriosos nomes dos Alcaides de Faria, símbolo da Honra e Lealdade!

Em 20 de Abril de 1932, tomou posse a nova Direcção da presidência do saudosíssimo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Teotónio José da Fonseca, que logo reatou as suas comunicações com a Ex.<sup>ma</sup> Associação dos Arqueólogos Portugueses, com a Câmara Municipal de Barcelos, Junta Geral do Distrito e com todos os Barcelenses de boa vontade, amantes da sua terra e das suas brilhantes tradições, ao mesmo tempo que tratou de elaborar novos estatutos.

Em Dezembro de 1932, a pedido do Grupo, visitaram as Ruínas do Castelo os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Prof. Dr. Mendes Correia, Dr. Santos Júnior, Engenheiro Serpa Pinto e foi com a mais grata surpresa — sua e nossa — que suas Ex.<sup>as</sup> pela primeira vez vieram descobrir e verificar a existência duma remotíssima povoação muito anterior à edificação do Castelo, e que talvez tivesse sido sacrificada em holo-

# O feito do Alcaide

por Domingos Evangelista

(Continuação da primeira página)

«nom ho entregues a outrem» — eis a fala do grande Alcaide, fala que ressoa ainda no recôncavo das ruínas do castelo e no bojo polido dos monolitos ásperos do morro, que vibra nas agulhas esguias dos pinhais circunvizinhos, nas flores das urzes bravias e vai até longe, às lombadas ciclópicas dos montes e à fimbria marinha que se adelgaça e esvai num sonho de bruma lendária.

Ali, naqueles palmos de terra portuguesa, uma pátria gritou aos bêsteiros e pedões da Castela que não há forças que domem os corações altivos quando os escandece a santa ira do amor ao solo natal.

Quando o Adiantado Sarmento levantou o cerco do castelo, a grande alma de Portugal, já com mais de dois séculos de vida, murmurou ao castelhano em retirada que, daí a uma dúzia certa de anos, na Chã de Aljubarrota, seria bem vingada a afronta feita na Chã de S. Miguel de Carapeços e o feito cruel e vilão perpetrado nos sopés do glorioso castelo de Faria.

O rei de Castela, Henrique II, o vencido de Najera, o assassino de seu irmão Pedro I, devia sentir que é indomável uma pátria que tem filhos como o Alcaide assassinado em frente dos muros do seu castelo e à vista do seu próprio filho; é que poderá uma pátria estar combatida e fraca, pois, é certo

«que um fraco Rei faz fraca a forte gente»

e também

«que um baixo amor os fortes enfraquece»

mas, passado o morbo de momento, vencido o torpor e o quebranto de animo, a gigante quebra o ferro que a prende e a enche de vergonha, e sacode depois, numa

convulsão de heroísmo e liberdade, tóda a lama e todo o vilipêndio com que a quiseram macular.

Egas Moniz em Toledo, Martim de Freitas dentro das muralhas de Coimbra, Nuno Gonçalves em Faria, Duarte de Almeida em Toro, o conde de Avranches na tarde de Alfarrobeira, D. Sebastião na caligem fatídica de Alcácer — o que são senão chispas da grande alma portuguesa, leal, fiel, generosa, cristã, abnegada e indômita, amando até à violência as tradições duma pátria e defendendo até à morte o orgulho duma Grei?

Não tem, assim, o feito há mais de cinco séculos cometido por um português no mórro de Faria aquela restrita localização dum simples gesto heróico. Não; como outros, êsse feito projecta-se no tempo e no espaço e vai aquecer e aviventar o ânimo do guerreiro de Aljubarrota e do descobridor de Quinhentos, do missionário e do navegador, do colono e do estadista, do combatente da espada e do combatente da cruz.

Mas foi aqui, aqui na terra barcelense, onde o famoso acontecimento se passou. Mais acima, a ermidinha que D. Egas fundara em momento de piedade enteneceadora; mais abaixo, o convento de que Miguel o Pobre pusera a primeira pedra em 1391. Assim a página épica tem a emoldurá-la uma casta e suave mansuetude — aquela religiosidade pura e viva, ardente e quasi orgânica que alentava as gentes de antanho dando-lhes invulnerável fé.

E' que, durante a meia-idade portuguesa nunca os feitos em prol da Pátria andaram desligados do sentido cristão. Paladinos e infanções, príncipes e pedões, nas lutas com a mourisma defendiam não só a Pátria que nascia rica de seiva e de

esperanças mas ainda a fé — aquela fé que depois foi levada longe nas velas pandas das nossas naus de aventura e nas dobras pesadas dos hábitos sombrios dos nossos missionários. E, no mar como na terra, na India como no Brasil, no mar de Banda como no golfo da Guiné, nos sertões africanos como nos desertos da China misteriosa — Pátria e Fé sempre se deram as mãos, sempre se ampararam, sempre se compreenderam e sempre se amaram.

Esse espírito religioso que paira sempre sobre as páginas da história de Portugal é quem faz sobressair a espiritualidade doce e forte dos feitos pátrios.

O cavaleiro da honra, Egas, aquele que forjou na bigorna dura da sua lide guerreira e da sua alma destemida o coração altivo de nosso primeiro rei, ajeita umas pedras, ergue um altar, faz uma ermida; Miguel o Pobre constroí nas faldas do lindo monte outra ermida modesta donde depois sairá uma mansão conventual cheia dum bucolismo tocante e pacífico. E Nuno Gonçalves, o herói, escreve no flanco da montanha com a tredda — espada castelhana, tinta no seu sangue generoso uma das mais impressivas gestas portuguesas.

Que os homens bons de Barcelos, aqueles que sabem escutar o rumor dos séculos que passaram, que sabem ver nas pedras tombadas o alardo dos recontros e a fereza das pugnas, que têm coração para benquerer às coisas espirituais e grandiosas, que não vivem só do pão mas que exigem o alimento da inteligência, dos afectos, das emoções nobres, pacíficas e purificadoras — que êsses não esqueçam nunca que Barcelos também é pátria de santos, de heróis, de marinheiros e de poetas. E que não esqueçam que é o perfume das coisas espirituais que tornam belos os dias da vida terrestre; que, venerar o passado, o património moral dos nossos maiores, a tradição sagrada que

a recolhida austeridade dos monges mendicantes que, durante muitos anos, ali habitaram.

Sobre a padieira da portaria está uma pedra, fragmento de tampa de sepultura, que, em caracteres góticos, diz: *Aqui jaz Vicente o Pobre, e Catarina Affonso, que partirão da cidade do Porto era 429, e fundarão este lugar.*

Alude esta inscrição a uma pequena ermida que existiu com o título de Bom Jesus, dentro da cêrca do actual convento, hoje propriedade particular, no local onde se ergue uma fonte que os monges franciscanos construíram para memória do primitivo sítio, em que Vicente o Pobre e sua mulher tiveram sepultura.

No ano de 1505, quando os primeiros frades vieram para a Franqueira, ainda existia a ermida e sepultura dos seus fundadores.

Mais tarde foram os ossos de Vicente o Pobre e de sua mulher Catarina Afonso trasladados, pelos religiosos franciscanos, para a igreja do Convento e ali lhe deram «honorífica sepultura»; e porque o tempo e a gente que nela entrasse não gastasse as letras da pedra, que na ermida antiga os cobria, para se não perdesse a memória delles se poz a dita pedra no sobredito lugar, onde hoje a vemos..

Os padres Claustrais vieram, ao findar o século XV,

habitar o sítio em que Vicente o Pobre havia erigido a ermida do Bom Jesus, e ali se conservaram até 1505, época em que foram substituídos pelos Franciscanos.

Durante cincoenta e oito anos, diz o cronista da «Província da Soledade», *habitaram nas mesmas casas e ermida que os Claustrais deixarão sem acrescentar nem diminuir cousa alguma*, até que, em 1563, estando o primitivo cenóbio em estado de completa ruína, o último comendatário do mosteiro de Rendufe, D. Henrique de Sousa, mandou edificar o actual convento e Igreja.

Mais tarde, no ano de 1678, foi o convento ampliado, sofrendo em 1708 novas obras com o acrescentamento de um dormitório.

Da cêrca, hoje muito reduzida, pouco resta da sua beleza primitiva.

A relha do arado transformou a mata em campos de sementeira, e os golpes do machado destruíram os soutos fazendo baquear as árvores.

A água limpa e cantante que, sem cessar, corria das bicas das fontes, dispersa-se hoje pelos campos a regar e dar pão.

O convento da Franqueira, de título do Bom Jesus do Monte, assenta em terras da Casa de Bragança, que o 4.º duque D. Jaime deu aos Padres da Claustra, os

## Grupo Alcaides de Faria

(Continuação da primeira página)

*Não é porém agora minha intenção voltar a repetir, mais uma vez, qualquer narração da morte sublime, por sua honra, de Nuno Gonçalves e da não menos sublime firmeza do filho Gonçalo Nunes.*

*Na citada Crónica de Fernão Lopes (séc. XV), nas Lendas e Narrativas do insigne Hercúlo (1851), obras de alto valor feitas reviver para o caso pelo Morgado do Vinhal Azevêdo e Meneses nas suas Ninharías (1912) e por ultimo no estudo de me-*

compendia os nossos feitos de nobreza, é cumprir um dever de cristãos — melhor, um dever de cristãos e de portugueses.

E os outros, os que só vivem no presente e não sabem viver desse passado magnífico, nobre, casto, criador de nervos, sangue e alma altiva — esses, lamentemo-los. A «apagada e vil tristeza» de que nos fala o nosso épico empeçou-lhes o coração, tolheu-lhes o sentimento, reumetizou-lhes a inteligência. Deixá-los; são os que renegam o Passado — o Passado donde nós todos vimos e sem o qual nós nada seríamos.

Alcaide de Faria! Ensina a muitos portugueses como é belo morrer assim, sob as áscumas e bullões da soldadesca inimiga, mas erguendo bem alto o brio da nossa Grei! E diz-lhes, glorioso Alcaide, que se a pátria pede sacrificios, vidas, sangue, lágrimas, haveres — tudo lhe devemos dar como tu todo te deste, ó herói, naquella tarde triste e agoirenta em que os contos das lanças inimigas e as sapatas ferradas da soldadesca castelhana ressoaram no termo barcelense — uma nesga radiosa e formosíssima do solo sagrado d'este cristianíssimo, maravilhoso e eterno Portugal.

*ticulosa documentação Subsídios para a genealogia dos Farias Machados (1938) do hoje Tenente-Coronel Sr. Vieira de Sampaio, meu camarada e consócio na Associação dos Arqueólogos, encontra-se o nobre feito exaustivamente estudado, até no registo de todos os que somos tidos como provenientes da notável raiz dos «Farias» de Barcelos.*

*Outra referência me avassala o espirito no cumprimento de um dever de justiça: a acção do «Grupo Alcaides de Farias», porque bem os considero como Portuguezes de bom quilate.*

\*

*Fundado em 1929 esse conjunto de alguns «homens de boa vontade» tomou arrojadamente a missão primorosa da revivência do feito dos Alcaides de Faria, em larga e inteligente visão do que poderia vir a ser para Barcelos — a sua Terra — enaltecer o facto histórico, acordando (é o termo) o éco longínquo que a penumbra dos tempos decorridos diluira torçando-o quasi só conhecido dos eruditos.*

*Sonho grande, portuguezíssimo! E tão promozente de simpatia que logo uma aragem de interesse os cercou, avolumando se de ano para ano.*

*Eram poucos, poucos sempre foram. Pouco tinham. E durante dezoito anos, sem um desfalecimento, ladeando imensas dificuldades, corajosamente, com rija persistência, já em 1931 estavam Agregados à Associação dos Arqueólogos, tinham proccado reacender-se a «chama da fé» na Capela de Nossa Senhora da Franqueira, fundação diz-se de Egas Moniz ao alvorecer da nacionalidade, tinham descoberto uma importante Estação Castreja, organizado um valioso Museu Arqueológico, tinham personalidade própria, Estatutos, tudo!*

*E hoje encontram-se à frente do «trabalho feito», já na fase de conclusões, ainda e sempre com a mais decidida e acertada das intenções!*

*A zona do Castelo está prestes a ser*

## VIA-SACRA

Como noticiamos, nos próximos domingos da Quaresma, realiza-se a Via-Sacra na Franqueira, começando, às 15 horas, no Largo do Convento e terminando na Ermida da Franqueira.

No primeiro domingo é feita pela representação de Barcelos, no último pela da freguesia de Pereira e nos restantes será como no ano passado: Milhazes, Gilmonde e Carvalhal.

## Origem do nome Franqueira

*Atribui-se a fundação do Castelo e Vila de Faria (que existia em tempos remotos na vizinhança do monte) aos Francos, hoje Franceses, que em algumas das muitas vezes que vieram a este território, deviam ali fortificar-se e ter algum successo notável, que lhes perpetuou a memória, dando o nome à serra da Franqueira.*

Crónica da Soledade.

*património nacional, pensa-se em restituir à Capela sua conformação do século XV, edificar perto um Templo novo, abrir uma melhor traçada via de acesso...*

*E ficarão os dois Altares — no sítio do Castelo a Ara da Nobreza da Raça, lá no alto a Ara da Fé portuguesa — a documentar quanto pode a boa vontade enlaçada com a boa intenção.*

\*

*A essa gente, porque gente é, eu ofereço minhas homenagens, o preito de minha admiração.*

*Barcelos, 12 de Fevereiro de 1946.*

8

primeiros monges que, como já deixamos dito, vieram procurar vida de isolamento e penitência neste local aprazível. Pelo Almojarifado de Barcelos, a Casa de Bragança dava anualmente de esmola a este convento vinte e cinco mil reis, passando depois, desde o ano de 1749, até à extinção da comunidade, a dar-lhe quarenta mil reis.

É venerada na Igreja do Convento uma imagem de Cristo Crucificado, de grande devoção e de grande romagem em época não mui distante, o *Senhor da Fonte da Vida*, assim conhecido pela legenda gravada a seus pés: *Apud te fons vitae*, esculpida em pedra inteiriça, por "um oficial mais de habilidade, do que por officio em semelhante obra, mas com tudo isso nela perito... O grande concurso de povo, tanto de Barcelos como do concelho e limitrofes, que por ocasião do Jubileu da Porciúncula, ou da romagem à Virgem da Franqueira, que costumava afluir ao convento do Bom Jesus, levou, em 1740, o então guardião Padre Prêgador Fr. António de S. Jerónimo a construir uma fonte para utilização dos romeiros. *Poz-se*, diz Fr. Francisco de S. Tiago, cronista da "Província da Soledade, *o dito guardião a excogitar que figura poria em cima da tal fonte, se seria a de Neptuno, a quem a cega gentildade venerava por Deos das águas ou outra deidade,*

O Monte da Franqueira fica situado a sudoeste de Barcelos, e distante desta cidade sete quilómetros.

Pela estrada nacional n.º 6 (estrada da Póvoa de Varzim) pode o visitante seguir até ao lugar de Meresses, da frêguesia de Barcelinhos, e tomar, à esquerda, a estrada camarária que ali entronca e segue por São Paio do Carvalhal, até ao sopé do Monte, e dali ao cume da Franqueira.

### O Convento do Bom Jesus

Poucos quilómetros percorridos, desde que se principia a subir o Monte, a meja encosta, uma ampla escadaria, talhada em lanços e ladeada por duas humildes capelinhas, conduz ao largo fronteiro do convento.

O sítio é ermo, e como escondido entre árvores seculares surge o cenóbio que foi dos monges Franciscanos da Província da Soledade, com a sua igreja de uma só nave, simples, mas elegante.

A fábrica do convento e do templo, na singeleza das suas linhas architectónicas, deixa bem transparecer